

HELENA GOMES  ROSANA RIOS

The book cover features three characters in a fantastical setting. In the center, a young man with curly brown hair, wearing a purple t-shirt and dark pants, stands with a serious expression. To his right, a young girl with dark hair, wearing a red and white top and purple pants, holds a large, glowing sword. To the left, a woman with long blonde hair, wearing a green dress, is surrounded by swirling green and yellow magical energy. The background shows a cityscape with buildings and trees under a greenish sky.

# CONEXÃO MAGIA

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



HELENA GOMES  ROSANA RIOS

CONEXÃO  
MAGIA

ROCCO 

The background of the entire page is a repeating pattern of hand-drawn swords. Each sword is oriented vertically, with the blade pointing upwards. The blades are simple, tapering shapes with a slight curve. The hilts are more detailed, featuring a central grip with a textured, possibly braided or knotted appearance, and two curved guard pieces extending outwards. The drawing style is sketchy and artistic, using white lines on a black background. The swords are arranged in a grid-like fashion, with some overlapping slightly.

PARTE I

# HUMANO

## CAPÍTULO 1

### Execução



*São Paulo, catorze anos antes*

**A PAIXÃO É A MAIS TERRÍVEL DAS ARMADILHAS.** Ela nos leva a cometer atos abomináveis até contra quem amamos. Por sua culpa, perdi meu espírito.

Protegido pela escuridão da noite, avancei em silêncio pelas ruas desertas. Apesar de ser verão, garoava na chamada terra da garoa. Sempre gostei dos tons cinzentos da metrópole que não pode dar-se o luxo de parar: São Paulo receberia em breve a madrugada. No meu colo, o minúsculo monstro apenas dormia, embalado por seu sono de bebê.

Monstro...

Não encontrei nome melhor para chamá-lo. Era um filho da desesperança, o pivô involuntário de uma crise e a arma necessária para a inveja atingir seus objetivos imundos.

Antes de entrar na estação de metrô, eu o escondi, enrolado num cobertor, sob a discrição de meu manto. Um conto de fadas me veio à mente. Sorri, num misto de asco e pena de mim mesmo. Eu era o caçador a serviço da rainha, aquele que carregava um ser inocente para a morte. Pelo menos, não teria de entregar à rainha o coração da vítima para convencê-la do sucesso da execução. Também não havia um bosque verdejante para testemunhar meu crime, e sim a selva de pedra dos humanos. Senti um gosto amargo na boca. Apesar do concreto, existia magia ali, como em tudo... Em mim, em outros como eu, nas várias raças ocultas entre humanos que enxergam apenas o que desejam enxergar.

Não queria eu mesmo tirar a vida de um ser tão frágil. Já bastava a culpa que espremia meu coração. Ter o sangue de um inocente em minhas mãos... seria demais. Precisava, porém, cumprir as ordens que recebera – e que me queimavam como ferros em brasa na pele. Permiti que o acaso me guiasse. E, para liberar a catraca da estação de metrô Jabaquara, estalei os dedos, usando magia.

Ignorei a escada rolante e descí a escadaria até a plataforma de embarque. Um único humano, sonolento, aguardava o último trem da noite. Ele devia ter cerca de trinta anos, de pele negra, vestido com roupas simples que o denunciavam como

alguém do povo, mais um que sobrevivia na camada pobre daquela sociedade com milhões de miseráveis esquecidos por uma elite de privilegiados.

Exceto por nós dois, não havia mais ninguém no local. Ou melhor, exceto por nós três, se eu considerasse o pequeno monstro, em meu colo, como algo digno de entrar na conta. Mas, se fizesse isso, estaria a ponto de admitir que ele ocupava um patamar acima do rótulo de aberração, uma coisa com direito de ser chamada de “alguém”. E essa possibilidade apavorava minha consciência.

Aproximei-me da beirada da plataforma, avaliei os trilhos logo abaixo. O acaso me mostrava que a morte poderia ser rápida e talvez indolor para a vítima. O som vindo do túnel à minha direita indicava que o trem estava a caminho. Atrás de mim, senti que o humano se espreguiçava antes de se levantar do banco.

O som se tornou ensurdecedor para o ambiente silencioso. Fechei os olhos e bloqueei a vontade de sentir qualquer emoção. Naquele momento, obedecia a ordens. Era apenas o carrasco.

Meus braços não me pertenciam mais. Eles estenderam o pequeno monstro para a frente. O trem passaria por nós em milésimos de segundos. Foram minhas mãos, aquelas que eu ansiava poupar do sangue, que deram o impulso para arremessar a vítima. Ergui as pálpebras a tempo de vê-la cair, indefesa, sobre os trilhos.

O humano gritou comigo ao perceber o que eu acabara de fazer, mas sua voz foi abafada pela chegada dos vagões barulhentos. Da minha parte, a execução fora um sucesso. Virei as costas para o humano, não vi as portas dos vagões se abrirem e retornei, com pressa, ao andar superior.

Minha culpa, porém, não me deixou sair da estação e tampouco atravessar a catraca. Ela exigia que eu enfrentasse a dimensão do meu crime. Eu precisava ver... Sob o olhar desconfiado de um dos funcionários do metrô, rumei de volta à escada.

– Corre que o trem já vai sair! – avisou ele.

Não respondi. Desci um degrau, depois outro. Interrompi meus movimentos ao avistar o humano de pele negra. Imóvel, ele não ousava entrar no vagão à sua frente. Um pensamento tolo me disse que o sujeito perderia sua última oportunidade de ir de metrô para casa.

Quando as portas se fecharam, o trem partiu em direção ao túnel, acelerando para ganhar velocidade. O humano permaneceu no mesmo lugar. Espiava o que havia nos trilhos. Minha mente imaginou os estragos em um cadáver infantil agora irreconhecível. Não devia ter sobrado muito dele para...

Surpreso, vi que o homem se abaixava. O que ele pretendia...? Nesse instante, outro funcionário apareceu correndo atrás do passageiro, que estava pulando da plataforma para os trilhos.

– Ei, o senhor não pode ficar aí! – gritou o funcionário para ele. – Não pode ultrapassar a faixa amarela!

Segurei-me para não interferir. O funcionário, na beirada da plataforma, chamava reforço pelo rádio. A seguir, abaixou-se para ajudar o outro homem a sair da área dos

trilhos. Mas este não retornou sozinho. Para minha total incredulidade, trazia em um dos braços minha pequena vítima, intacta, ainda enrodilhada no cobertor. E ela choramingava, um choro dolorido, de abandono, que contrastava com a sorte por ter escapado da execução.

– Você não viu o maluco que apareceu aqui e jogou o bebê na frente do trem? – cobrou o sujeito, dirigindo-se ao funcionário.

– É mesmo um bebê? – duvidou o outro. – Não parece choro de criança...

Recuei. Os dois humanos estavam prestes a descobrir o que se ocultava sob a manta. Meus ouvidos captaram o restante da conversa, trazido pelo eco, enquanto minha culpa se desfazia. Havia um sorriso genuíno de felicidade em meu rosto.

– Eita! – o funcionário resmungou. – Você pulou nos trilhos só pra pegar um filhote horrível como esse?!

\*\*\*

**J**OÃO TEVE PENA DO BICHO ESQUISITO. O que era aquilo, afinal? Um filhote de gato ou de cachorro? Tinha o tamanho de um bebê, só que era tão peludo que mal se via o focinho. E o pobre estava assustado, chorava bastante. Devia estar com fome, frio e muito medo.

– Ele lembra aquele cachorro do Cebolinha – comparou o funcionário. – A gente nem sabe onde fica a cabeça!

O pelo do filhote era negro, como cabelo de gente. Indeciso sobre o que fazer, João o estreitou contra o corpo apenas para descobrir que um coração minúsculo batia junto com o seu. O gesto acalmou o choramingo em segundos.

– Pretende ficar com isso aí? – perguntou o funcionário. – Se eu fosse você, jogava na lata de lixo mais próxima.

Seria crueldade demais. João refletiu que, esquisito ou não, o filhote merecia um destino melhor do que minguar até a morte numa lata de lixo. Ainda mais depois de ganhar uma segunda chance de modo tão inacreditável. Tinha o dedo de Deus ali, só podia ter! O filhote escapara de ser retalhado pelos vagões porque seu corpo ficara espremido em um dos vãos entre os trilhos.

– Ô amigo, você está de carro? – perguntou João com sua sempre útil cara de pau. – Que tal uma carona?

CAROLINA LUTOU ATÉ ONDE CONSEGUIU contra a vontade de dormir. O tio, que fora resolver um assunto no litoral, tinha prometido voltar a tempo para seu aniversário. Nunca perdera um aniversário da sobrinha e aquele, o sétimo, não

poderia ser diferente.

Desabando de sono, a menina foi deixada na cama pelo pai, no andar de cima do bar que, desde a morte da mãe dela, ele e o irmão administravam juntos nas redondezas do Terminal Rodoviário do Tietê. João, o tio, não era exatamente o homem trabalhador que o pai da menina, Tiago, esperava ter como sócio. Sempre dava um jeito de escapular do serviço pesado, de conseguir uma moleza qualquer para se dar bem. Para Carolina, no entanto, ele era o tio atencioso e sempre brincalhão.

– Cheguei, Carol... – chamou a voz de João, quase num sussurro, perto do ouvido da criança. – Atrasado, mas cheguei!

Foi o suficiente para despertá-la. Ao abrir os olhos e descobrir que havia um presente, a menina se sentou na cama na maior rapidez possível. Tiago estava em pé junto à porta do quarto, com a pior carranca do mundo.

– Bar não é lugar pra cachorro! – brigava ele. – A Vigilância Sanitária vai me multar, isso sim!

Carolina fez um “oh” de espanto e alegria. O tio acabava de depositar em seu colo um bichinho ainda bebê, o mais estranho que a menina já vira na vida.

– Não é cachorro, pai! – corrigiu ela, com firmeza, antes de dar um beijo molhado na testa de seu primeiro animal de estimação. Sempre sonhara em ter um, mas o pai sempre fora contra.

– O que é, então? – perguntou João, feliz com o entusiasmo infantil.

– Ah, tio, você não sabe?

– Estou na dúvida...

– É um gatinho lindo!

Tiago escancarou a torneira de broncas, mais que furioso. Claro que agora Carolina não ia mais dormir, que ele ia levar multa, que o gato ia fazer sujeira pelo bar inteiro, que espantaria a freguesia, que isso, que aquilo...

– E como vai ser o nome dele? – perguntou o tio, fazendo de conta que o irmão não existia.

A menina franziu a testa. Queria um nome bem diferente. Um que não fosse de gato. E que combinasse com o filhote que dormia como um anjinho em seu colo.

– Já sei! – decidiu, inspirada. – O nome dele vai ser Gael.



## CAPÍTULO 2

### Monstro



O GATINHO ESQUISITO realmente tinha algum problema. Ou vários, se João parasse para pensar melhor. Primeiro, o filhote dormia a maior parte do tempo e acordava apenas para tomar a mamadeira que Carolina preparava no melhor de seu instinto maternal. Segundo: como mal se mexia, ainda não tivera oportunidade de aprender a usar a caixinha de areia, instalada num canto do banheiro, obrigando a menina a deixá-lo sempre de fralda. Terceiro: para um gato, estava crescendo demais. Sem dinheiro ou coragem de mostrá-lo a um veterinário, João coçava a cabeça. Para Carolina, o gatinho era perfeito. Um pouco diferente dos outros animais, é verdade, mas isso não diminuía o carinho que ela lhe dedicava. Já Tiago preferiu ignorar a presença do filhote nos dias, semanas e meses que se seguiram. Sequer o olhava.

Carolina, ansiosa, não via a hora de o gato acordar de vez. Gastava minutos escovando o pelo longo, que recebia trancinhas caprichadas e cheias de laçarotes cor-de-rosa nas pontas. Quando chegava da escola, corria para o andar de cima do bar apenas para checar se o filhote estava bem. Decepcionada, dizia para o tio que o gatinho era dorminhoco demais. Queria muito que ele miasse, que corresse de um lado para o outro atrás de alguma bolinha de papel.

– O Gael chega lá, Carolina – explicava o tio. – Ele só é meio devagar.

Numa madrugada friorenta, João, que dividia o quarto com Tiago, acordou com a voz de Carolina no aposento ao lado. Um único e apertado banheiro servia a todos os ocupantes da casa. No térreo, havia a cozinha, o banheiro para os fregueses e, claro, o espaço ocupado pelo bar.

Sem fazer barulho, João foi até o quarto da sobrinha. Abriu lentamente a porta apenas encostada e se esticou para espiar o que estava acontecendo. Com uma tesoura, Carolina cortava o pelo do gatinho, sentado muito quieto sobre a cama.

- O Gael acordou! – disse Carolina, eufórica, ao notar a presença do tio.
- Tô vendo... Escuta, você não é muito pequena para brincar com a tesoura?
- Mas o pelo dele tá caindo, tio! Só tô tentando consertar.
- Pelo de gato vive caindo e...

João engoliu o que falava ao descobrir sobre o lençol uma quantidade imensa de pelos. Só faltava agora uma doença de pele para forçar uma ida ao veterinário.

- Tio...
- Que é?
- Acho que o Gael não é mais um gatinho.

Foi quando João entrou no cômodo para avaliar melhor o gato, que o fitava com seus olhos imensos.

- Ai... – murmurou o tio, em choque, sem nada melhor para dizer.

TIAGO DEMOROU A PERCEBER O INEVITÁVEL. Quando desceu para preparar o café da manhã, descobriu, surpresa, que a filha e seu irmão já estavam à mesa, comendo requentado o pão da véspera.

- Deixei um pãozinho para o senhor, pai – avisou Carolina. – E passei bastante margarina, como o senhor gosta!

Ele sorriu distraidamente para a filha e pegou um copo para encher de café. Pingou um pouco de leite, adoçou a mistura e só então se acomodou à mesa. João e a menina trocaram um olhar de culpa.

- Nem vem! – resmungou Tiago. – Vocês trouxeram o gato pra cozinha, não foi?
- É que... – tentou explicar o irmão.

Tiago bufou, exasperado, recusando-se a sequer enxergar o animal à sua esquerda, acomodado na quarta cadeira.

- Ou esse gato fica no quarto ou vai morar na rua! – avisou, abafando a raiva.
- Mas ele é um bebê... – choramingou Carolina, já imaginando o pobre tremendo de frio e sozinho no mundo.

Dessa vez, Tiago não cederia às vontades da filha. Ter um gato no bar lhe traria dor de cabeça e mais trabalho. Estava cansado de carregar tudo sozinho nas costas.

- Hora de abrir o bar – disse para o irmão. Este bebericou o café antes de apresentar a desculpa de sempre.

- Preciso resolver uns assuntos – desconversou. – Volto só de noite.

Foi o suficiente para piorar o mau humor de Tiago. Ele deixou a mesa, retrucando baixinho, e atravessou a cozinha para chegar ao bar, logo adiante.

Tinha serviço demais à sua espera.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

